

OS ÁRCADES INCONFIDENTES NO BRASIL E AS REFORMAS POMBALINAS

Sandra Aparecida Pires Franco¹

RESUMO: *O propósito principal deste texto é o de verificar o que foi o movimento literário chamado de Neoclassicismo ou Arcadismo e situar as Reformas Pombalinas no âmbito mais amplo do iluminismo e, por sua vez, tentar entender por que os poetas árcades que participaram das Inconfidências Mineira e Carioca aderiram aos ideais políticos e estéticos das referidas reformas.*

PLAVRAS-CHAVE: *Arcadismo; Reformas Pombalinas; árcades inconfidentes.*

ABSTRACT: *The main purpose of this text is to find out what the literary movement called Neoclassicism or Arcadism was and to place the Pombalina changes in a wider space of iluminism and, as well as to try to understand why arcade poets who took part in Minas and Rio's unfaithfulness joined to politic and esthetic ideals of the related changes.*

KEYWORDS: *Arcadism; Changes Pombalina; Unfaithful Arcades.*

O propósito principal deste texto é o de verificar o que foi o movimento literário chamado de Neoclassicismo ou Arcadismo e situar as Reformas Pombalinas no âmbito mais amplo do Iluminismo e, por sua vez, tentar entender por que os poetas árcades que participaram das Inconfidências Mineira e Carioca aderiram aos ideais políticos e estéticos das referidas reformas.

Esse nome Arcadismo, vem de Arcádia, uma região da Grécia antiga (Centro do Peloponeso), habitada por pastores e transformada pelos poetas antigos no lugar ideal da vida simples, da inocência e da felicidade. O Arcadismo foi um movimento artístico e literário que cultivava os padrões estáticos da Antiguidade Clássica, em repúdio aos valores do clero e da nobreza. Em meados do século XVIII, a Europa passou por profundas transformações: o progressivo descrédito das monarquias absolutas, a decadência da aristocracia feudal; o crescimento do poder da burguesia, a chamada Revolução Industrial que se iniciou na Inglaterra; todas transformações que ocorreram devido aos ideais da Revolução Francesa que fermentou o mundo inteiro.

A esse quadro de transformações sociais, econômicas e políticas correspondem mudanças ideológicas.

O Arcadismo corresponde, então, a um novo estilo literário que vai contra ao estilo Barroco, considerado como expressão do absolutismo. Ao

¹ Pós-graduanda Doutorado em Letras – UEL sandrafranco@astornet.com.br

luxo e à ostentação dos lugares freqüentados pela aristocracia, os poetas árcades opõem temas bucólicos, tratados com simplicidade e graciosidade estilística. Trata-se, é claro, de uma luta entre dois estilos e escolas literárias, devendo, uma, ser sempre antagônica à outra. Mas dizer que o Arcadismo foi um estilo simples e com ritmos graciosos, torna-se a nós um ponto de investigação.

Segundo Bosi:

... a primeira Arcádia foi fundada em Roma, em 1690, por alguns poetas e críticos antimarinistas que já antes costumavam reunir-se nos salões da ex-rainha Cristina da Suécia. O programa comum era “exterminar o mau gosto onde quer que se aninhasse”; o emblema, a flauta de Pã coroada de louros e de pinheiros. Os sócios tomavam nomes de pastores gregos ou romanos. (BOSI, 1997, p. 61).

Assim como os romanos, quase todos os poetas que concordavam com o programa árcade adotaram nomes de pastores para criarem suas poesias. Podemos observar que os árcades fingiam-se de pastores para poderem escrever suas poesias, tratava-se de um fingimento poético. Vale lembrar o que nos disse Hegel quando explica que o limite da poesia é a realidade. Ou seja, ultrapassar esse limite é fingimento poético, pois mantém-se sempre uma conexão com o real e esta conexão manifesta-se nos detalhes de ambiente, de vestuário e principalmente na linguagem, a qual, apesar de todos os rebuscamentos intencionalmente utilizados, precisa ser inteligível para o leitor.

O nome Arcádia remonta também ao romance pastoral Arcádia (1504), do escritor italiano Jacopo Sannazaro. A obra retrata uma lendária região grega chamada Arcádia. Dominada pelo deus Pã, ela seria habitada por pastores, cujo modo de vida bucólico e devotado à poesia foi transformado pelos neoclássicos em modelo ideal de convivência entre o homem e a natureza. O essencial da teoria neoclássica era: “...a imitação não impede a criação; mas o vôo mais seguro será aquele que seguir rumos iniciados pelos antigos”. (BOSI, 1997, p. 257).

Ainda segundo Bosi, o Arcadismo distinguia-se em dois aspectos ideais no século XVIII. O poético, que era caracterizado pelo encontro com a natureza e afetos do homem, refletidos através da tradição clássica, que era a Arcádia, e o ideológico, composto por uma crítica da burguesia culta aos exageros e abusos da nobreza, chamado Ilustração.

A ideologia burguesa culta, cuja arma de luta era a crítica à velha nobreza e aos religiosos, propagou-se por toda Europa, sobretudo na França, onde foram publicados O Espírito das Leis (1748), de Montesquieu, e o primeiro volume da Enciclopédia (1751), que tem à frente Diderot, Montesquieu e Voltaire, entre outros. As idéias desses enciclopedistas, defensores de um governo burguês, impulsionaram o desenvolvimento

das ciências, valorizando a razão como agente propulsor do progresso social e cultural.

Assim, observa-se que a ideologia burguesa faz parte do Arcadismo, que proliferou-se em vários países da Europa e que foi se impondo à medida que a Ilustração invadia as culturas. As fontes italianas da Arcádia caracterizavam a fantasia e o prazer das obras poéticas, enquanto o aspecto racional foi buscado no enciclopedismo francês. Em com esta concepção estética que os poetas árcades de Portugal e do Brasil vão criar seus poemas: “É a pura lição clássica – harmonizar a verdade com a imaginação, corrigir o real pelo ideal, ou seja, moldar a natureza física e moral pelas normas da razão, que a selecciona e corrige segundo o critério da nobreza e da formosura, embelezar e exaltar a vida.” (BOSI, 1997, p. 268).

É interessante notar que, em Portugal, a *Art Poétique* de Nicolas Boileau, teórico do Arcadismo Realizou em sua obra a mais clara exposição do classicismo na França. Embora não tenha sido um espírito original nem criador da estética do classicismo francês, foi Boileau quem realizou a mais clara exposição sobre os princípios dessa estética.

Nasceu em Paris em 1º de novembro de 1636. Pertencente a uma família de magistrados, estudou direito, mas, dedicou-se à literatura, estimulado pelo irmão. Influenciado por Molière, iniciou sua produção pela via satírica. Seus primeiros versos, *Satires* (1666-1668), uma divertida queixa pessoal contra os inimigos, criticam o preciosismo literário, em favor de um estilo baseado na clareza e no rigor. Em 1667 Boileau escreveu *Le Lutrin* (O atril), discussão de tom burlesco sobre futilidades entre clérigos. Simultaneamente começou a compor as *Epîtres* (Epístolas) e travou amizade com Racine e La Fontaine. Sua faceta mais conhecida foi, no entanto, a de teórico, graças a *L'Art poétique* (1674; Arte poética), em que, inspirando-se em Horácio e Aristóteles, preconizava uma literatura baseada na imitação da natureza, na organização racional dos elementos e no respeito às normas clássicas. Em 1677 Luís XIV o escolheu para seu cronista e, em 1684, o fez membro da Academia Francesa. A partir de 1692, Boileau retomou sua atividade de polemista, escrevendo várias sátiras em apoio aos “antigos”, que defendiam a superioridade dos clássicos, em oposição aos “modernos”. Morreu em 13 de março de 1711 em Paris, cuja obra foi bastante aceita por Voltaire, foi “traduzida já em 1697, sete anos depois da criação da Arcádia em Roma, pelo quarto Conde de Ericeira, Dom Francisco Xavier de Meneses (1673-1743). Este homem, que foi um impulsionador de Academias em Portugal, tendo sido nomeado sócio da Real Sociedade de Londres, abjurou o cartesianismo pelo newtonismo e teceu rasgados elogios a “*Arovet-Voltayre*”. A obra *Art Poétique* de Boileau “influuiu diretamente nos dois teóricos ibéricos da Arcádia, o espanhol Ignácio de Luzán e o português Francisco José Freire (Cândido Lusitano), cuja *Arte Poética* (1748) valeu como texto de base para os nossos poetas neoclássicos”. (BOSI, 1997, p.63).

Sob influência de teorias francesas e italianas, em 1756, em Portugal, fundou-se a Arcádia Lusitana por Antônio Dinis da Cruz e Silva (1731-1795) e Manuel Esteves Negrão. Criada em 11 de março do referido ano, essa sociedade tentava remodelar a eloquência, a língua e a poesia. Ocorriam três sessões por mês, nas quais os sócios eram obrigados a ler suas produções. Estas eram escritas em versos ou prosa e depois criticadas pelos censores, permitindo-se sua defesa. A sociedade tinha como emblema um lírio branco e como divisa a frase latina – *Inutilia truncat*. Nesta sociedade o objetivo principal era atacar os excessos verbalísticos do gongorismo, cingir as formas literárias, até, em certa medida, as verbais, métricas ou estróficas, aos bons modelos greco-latinos. “Tudo quanto destoasse dessa clara harmonia e sobriedade seria truncado como inútil.” (CIDADE, 1975, p. 255).

Segundo Cidade, Antônio Dinis da Cruz e Silva demonstra a realidade na literatura neoclássica; a realidade histórica e científica e cita dele estes versos de uma Ode a Pombal, em que Dinis exalta a reforma da Universidade de Coimbra.:

A sã Filosofia, que até agora
Entre espinhos esqualida jazia,
Vê roxear a aurora
De seu império, cheia de alegria.
Do famoso Carvalho
A um só aceno, a frente ergue, vaidosa.
.....
Abrindo o seu tesouro sumptuoso,
A vária Natureza,
Já do Liceu o jugo vergonhoso,
Intrépida, quebrando,
Entrega dos seus reinos a opulência
Nas dextas mãos da sólida experiência.
(Ode VI). (SILVA, O Hissope).

Nestes versos, podemos notar que o poeta era um dos entusiastas da filosofia experimental. Cidade assim explica: “A Razão é o nome do Século das Luzes. A ciência – a obsessão de todos os cultos. Quando não se estruturam poemas em sua homenagem, a cada passo uma alusão, a graça nova de uma imagem trai o seu culto.”(CIDADE, 1975, p. 311).

Desde a primeira metade do século XVIII existia em Portugal um grupo de intelectuais e políticos que, tendo como exemplo as nações onde o Iluminismo se propagara, sugeriam mudanças e reformas que poderiam alterar a situação portuguesa no contexto europeu. As Reformas Pombalinas, neste sentido, significavam o fortalecimento desse movimento.

No entanto, existiam tentativas anteriores de modernização que, desde o século XVII, vinham sendo registradas por alguns economistas

portugueses. No livro *Antologia dos economistas portugueses*, Sérgio citou Luís Mendes de Vasconcelos, que escreveu em 1608 os *Diálogos do Sítio de Lisboa*, onde discutem um filósofo, um soldado e um político. Neste texto, o autor buscou relatar o que seria ideal para Portugal como: aperfeiçoar a agricultura; desenvolver, por ela e pela indústria, a economia metropolitana; nacionalizar por essa indústria o comércio do ultramar.

Outro autor que escreveu sobre necessidade de modernização em Portugal foi Severim de Faria (1583-1654) que escreveu *Do muito que importará para a conservação e aumento da monarquia de Espanha assistir Sua majestade com sua corte em Lisboa e Dos meios com que Portugal pode crescer em grande número de gente, para aumento da milícia, agricultura e navegação*.

Para Faria, havia um problema em Portugal que era a diminuição do povo. Segundo ele, houve essa diminuição por três causas: devido às conquistas; o fato de não estar organizada e os defeitos da agricultura. A solução era a introdução das artes mecânicas, o desenvolvimento industrial. Vejamos:

Cumpria proibir a exportação das matérias-primas, e trazer oficiais excelentes de outras províncias (do estrangeiro, dir-se-ia hoje, dar-lhes salários e comodidades convenientes, favorecer os bons engenhos e estimar as invenções e as obras que participam do singular e do raro, e assinalar prêmios à perfeição e excelência. (É o que tentamos fazer há pouco com a criação da Junta de orientação dos estudos: Favorecer os bons engenhos, estimular as invenções, instruir os Portugueses nas técnicas modernas mais urgentes, - sem lograr em S. bento a indispensável atenção. Cumpre insistir...) (FARIA apud SÉRGIO, 1947, p. 174).

Os problemas expostos por Faria sobre a agricultura e a indústria, foram retomados pelo Dr. Ribeiro de Macedo (1618-1680) no seu Discurso sobre a Introdução das Artes no Reino (1645), onde relatava o problema da balança comercial. Ele mesmo questionava: “Qual há de nós [pergunta ele] que traga sobre si alguma cousa feita em Portugal? Acharemos (e não ainda todos) que só o pano de linho e os sapatos dão obras nossas”(MACEDO apud SÉRGIO, 1974, p.147)[...] “o único meio que há para evitar este dano e impedir que o dinheiro saia do reino, é introduzir nele as artes”(MACEDO apud SÉRGIO, 1974, p.185).

Realmente se os artigos de luxo de cujo uso alguns se queixavam fosse feito no país, não seria realmente um mal. Macedo sugeriu que fossem produzidos em Portugal os cereais, as sarjas, baelas, meias de seda, panos e papel e os produtos industriais fáceis de manufaturar. Segundo ele, não faltavam matérias-primas para isso e o que faltasse poderia se providenciado.

O que deveria se feito, a princípio, era proibir a saída de artesãos que pudessem desenvolver as indústrias. Observe-se o que ele nos diz:

Cumpria usar ao mesmo tempo, não só a isenção de direitos para os mestres que tentavam indústrias novas, mas prêmios, também, para os que melhor fabricassem nos vários gêneros, e facilidades para o estabelecimento nos lugares abundantes em água e lâ; atrair com grossos salários os melhores artífices do estrangeiro; e desenvolver o ensino público. (MACEDO apud SÉRGIO, 1974, p. 23).

Ele alertava também que se Portugal não tivesse manufaturas, as colônias portuguesas iriam dar vantagem a outros povos, acreditava nisso porque as colônias tinham muita matéria-prima.

Devemos observar que as iniciativas de modernização destes economistas portugueses foram iniciativas que antecederam as propostas iluministas representadas na Reforma Pombalina.

Assim a partir do século XVII, aconteceram na Europa inúmeras mudanças no modo de produção e de idéias, que refletiram de forma ascendente na vida dos homens. Sua disseminação atingiu a economia, a ciência, a política, a arte, a religião e a filosofia. A transformação não ocorreu somente na produção material, e sim em todos os aspectos da consciência humana. Desenvolveram-se no mundo todo profundos movimentos como: a Revolução Industrial, que se iniciou na Inglaterra; a revolução francesa; a Reforma Pombalina, em Portugal; e as Inconfidências, no Brasil. Em termos filosóficos, o iluminismo dominou o campo das idéias. Trata-se de um momento histórico em que o homem abandona as superstições medievais e abraça as idéias iluminadas pela razão e pela ciência. O objetivo do Iluminismo era libertar o pensamento do domínio das idéias sobrenaturais para o homem conquistar a liberdade intelectual pautado no absolutismo político e religioso.

Para analisar com profundidade o papel de Pombal e dos inconfidentes mineiros e cariocas que viveram e estudaram na Universidade de Coimbra reformada, é necessário entendermos as transformações que ocorreram por todo o mundo, principalmente a revolução francesa e o Iluminismo. É necessário verificar como repercutiram no Brasil e nas Inconfidências, que posição tomaram os escritores deste período.

Nos primórdios da transformação manufatureira, o comércio desestruturou a produção tradicional de todos os países. As nações se modificaram. Os países onde o comércio se desenvolveu viraram grandes potências como foi o caso da Inglaterra. França, Holanda e Países-Baixos, mas em Portugal a aristocracia se fortaleceu, colocando rédeas nos comerciantes e se enriquecendo da riqueza Colonial, impedindo assim que a manufatura não se desenvolvesse internamente.

No início dos tempos modernos, Portugal encontrava-se na

vanguarda das transformações. No século XVI, este país constituía-se, juntamente com a Espanha, na principal potência marítima do mundo ocidental. Em busca de riquezas, os lusitanos haviam produzido a expansão marítima e contribuído decididamente para a gestação do comércio mundial. Refletindo esse vanguardismo. Lisboa transformou-se numa das capitais do mundo. Voltar a este patamar sempre foi uma questão para os portugueses.

Segundo Menezes, a antiga forma social resistiu á destruição e, neste embate, houve um equilíbrio de forças que deixa a impressão de que os portugueses não conseguiam imprimir uma direção à sua história, mas que também a antiga sociedade não conseguia estancar totalmente as transformações.

Seguindo a idéia de que o Iluminismo propagava-se por todos os países europeus e essa propagação ocorria de forma diferente em cada um deles é que focalizaremos Portugal, local principal de nossas discussões, mais especificamente as Reformas Pombalinas. Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, foi um homem reconhecido por ter renovado profundamente a política econômica do governo português. Analisar Portugal do século XVIII sem levar em conta a figura do Marquês de Pombal (1699-1782) é quase impossível. Considerado como um afigura do despotismo esclarecido, ele governou Portugal, como 1º Ministro de D. José I, entre 1750 e 1777. O *Testamento Político* de Dom Luís da Cunha recomendava Pombal para governar Portugal, por seu temperamento paciente e especulativo demonstrado durante o reinado anterior.

Segundo Teixeira, Pombal no reinado de D. João V, tinha exercido a função de diplomata português em Londres (1738-1744) e em Viena (1745-1749). Na época, a governação portuguesa emanava de três secretarias, a mais importante das quais era a dos Negócios de reino. Depois, vinham a da Marinha e Ultramar e a dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Com a ascensão de D. José I (1750), Sebastião José foi nomeado secretário dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Após o terremoto de Lisboa de 1755, ascendeu á secretaria dos Negócios do reino e colocou gente de sua confiança nas demais. Desde então, governou com plenos poderes até a morte de D. José, em 1777. Sua importância e seu poder expressam-se nos títulos recebidos: em 1759, ele tornou-se Conde de Oeiras e, em 1769, marquês de Pombal.

Como Conde de Oeiras, Pombal preocupou-se com sua imagem, tornando-se um mecenas. Seu período de mecenato foi marcado pela idéia de progresso, arrojo, trabalho, austeridade e estudo.

Podemos perceber, segundo Teixeira que, no reinado de D. João V, já se vinha:

[...] promovendo a renovação do pensamento em Portugal, manifesta no surgimento de academias. Laboratórios, traduções e edições importantes. Nas ciências, tal renovação corresponde à adoção do método cartesiano e da física de Newton; em filosofia, equivale à superação da Neo-escolástica em favor do experimentalismo inglês; nas letras, manifesta-se na assimilação da poética de Boileau e na censura generalizada à poesia seiscentista, sobretudo em sua vertente gongórica. (TEIXEIRA, 1999, p. 23).

Pombal chegou a presidir a fundação da Arcádia Lusitana em 1756, protegendo os poetas e artistas, certamente isso fazia parte de estratégia de divulgar e criar entre os intelectuais um ambiente favorável às suas reformas.

O governo de Pombal, como ministro de D. José I, caracterizava-se pela ambição de restabelecer o controle nacional sobre todas as riquezas que iam para Lisboa, vindas dos domínios ultramarinos de Portugal. Para tanto, ele se beneficiou das técnicas que aprendeu na Grã-Bretanha e na Áustria.

Entre as novas medidas estavam a afirmação da autoridade nacional na administração religiosa e eclesiástica, no estímulo a empreendimentos industriais e atividades empresariais; da autoridade para lançar impostos; criar novas capacidades militares e uma nova estrutura de segurança do estado, além da estruturação de um novo sistema de educação pública para substituir o ensino dos jesuítas. Todas essas medidas estavam encerradas em um grupo de leis públicas codificadas e sistematizadas.

Quanto à literatura portuguesa no Brasil, Cidade menciona os que impulsionaram o enriquecimento cultural na colônia e que depois dessa iniciativa feita pelos portugueses viajantes e historiadores, a Bahia, Minas Gerais e o Rio de Janeiro foram os focos de uma atividade literária que não podia deixar de, no século XVIII, proliferar em academias.

A Arcádia Lusitana vigorou até 1774, porque começou a sofrer uma série de percalços, dissensões internas, ataques, afastando de sócios.

Com a queda de Pombal, toma a dianteira dos fatos um grupo de homens mais ou menos emudecidos até à data, dentre os quais o Duque de Lafões, que funda, em 1780, a Academia Real das Ciências, segunda academia oficial portuguesa (a primeira foi a Academia real de História, fundada em 1720), e desejosa de se equiparar em grandeza às similares espalhadas pela Europa.

Em 1790, Domingos Caldas Barbosa funda, com o auxílio de Belchior M. Curvo Semedo, J. S. Ferraz de campos e Francisco J. Bingre, a academia das Belas-artes, logo depois chamada Nova Arcádia. Ao novo grêmio se associaram Bocage, José Agostinho de Macedo, Luís Correia França e Amaral, Tomás Antônio dos Santos e Silva, e outros. Entretanto, divergências internas entram a surgir, notadamente entre Macedo e Bocage, e em 1794 a corporação se desfaz.

No Brasil, surgiu em 1768, a Arcádia Ultramarina, marco inicial do Arcadismo no Brasil, com a publicação das *Obras Poéticas* de Cláudio Manuel da Costa.

Importa ressaltar que os poetas árcades sempre viveram nas cidades, mas buscavam o campo como cenário para poderem cantar e se sentir libertos das etiquetas da sociedade urbana, permitindo expor mais seus sentimentos de amor e de abandono ao fluxo da existência. Esta fuga encontra respaldo em um dos aspectos dos revolucionários franceses: o mito do homem natural. Verificamos, então, que no período, o burguês lutava contra a aristocracia do sangue e esta luta, que se fazia em termos de razão e de natureza, adquiria os matizes de que se tingiu o iluminismo.

O Iluminismo que informou essa luta exibe duas faces: ora a *secura geométrica* de Voltaire, vitoriosa nos salões libertinos, ora a *afetividade pré-romântica* de Rousseau, porta-voz de tendências passionais, mais populares. Voltaire é *ponta-de-lança* dos meios urbanos contra os preconceitos da nobreza e do clero; mas é Rousseau quem abre as estradas largas do pensamento democrático, da pedagogia intuitiva, da religiosidade natural. De qualquer modo, ambos renegam o universo hierárquico do absolutismo instaurado pela nobreza e pelo alto clero desde os fins do século XVI; e fazem-no recorrendo à liberdade que a natureza e a razão teriam dado ao homem. (Bosi, 1997, p. 65).

Consoante Bosi: “...antes da revolução Industrial e da Revolução Francesa, o burguês, ainda sob a tutela da nobreza, via o campo com olhos de quem cobiça o Paraíso proibido idealizando-o como reino da espontaneidade: é a substância do idílio e da *écloga arcádica*”. (BOSI, 1997, p. 65).

A literatura produzida nessa época, valorizando o campo e os sentimentos naturais do homem, revela que a burguesia estava prosperando e se firmando como classe.

No Brasil, podemos encontrar neste período, desde sonetos, uma das formas mais empregadas, poemas épicos e satíricos, elegias (poesia sobre tema fúnebre), *éclogas* (poesia pastoril). Estes gêneros foram praticados por poetas como Cláudio Manuel da Costa, Basílio da Gama, Gonzaga e Silva Alvarenga, cujo poema herói-cômico *O Desertor*, foi produzido em Portugal quando estudante da Universidade de Coimbra.

Como vimos, de acordo com a bibliografia consultada, a tendência dos árcades era a procura do verossímil, cujo fundamento era a arte como cópia da natureza. Os poetas do período abordavam assuntos mais imediatos e concretos. Um exemplo desta é a relação entre o poema herói-cômico e a imitação da natureza, feita por Silva Alvarenga na sua introdução a *O Desertor*. Neles predominavam os traços marcantes das teses ilustradas,

como o gosto da clareza e da simplicidade, em contraponto ao estilo literário anterior, conforme nos demonstra Bosi :

No Arcadismo brasileiro, os traços pré-românticos são poucos, espaçados, embora às vezes expressivos, como em uma ou outra lira de Gonzaga, em um ou outro rondó de Silva Alvarenga. Em nenhum caso, porém rompem o quadro geral de um Neoclassicismo mitigado, onde prevalecem temas árcades e cadências rococós. E sem dúvida foram as teses ilustradas, que clandestinamente entraram a formar a bagagem ideológica dos nossos árcades e lhes deram mais de um traço constante: o gosto da clareza e da simplicidade graças ao qual puderam superar a pesada maquinaria cultista; os mitos do homem natural, do bom selvagem, do herói pacífico; enfim, certo mordente satírico em relação aos abusos dos tiranetes, dos juízes venais, do clero fanático, mordente a que se limitou, de resto, a consciência libertária dos intelectuais da Conjuração Mineira. (BOSI, 1997, p. 66-67).

Neste período de efervescentes novidades européias, de combates entre teorias e visões de mundo distintas, a literatura produzida no Brasil caracterizou-se por um hibridismo cultural e ideológico. Segundo Bosi, a mistura de ilustração versus reação; de pombalismo versus jesuitismo; de deísmo versus beatice; de pensamento versus retórica, iria desencadear na Independência.

Essas novidades eram fruto da Revolução Industrial e da Revolução Francesa. Porém, o Brasil não sentiu o baque violento que se travou na Europa, porque aqui não houve feudos e nem um grupo que lutasse ardentemente para a manutenção do feudalismo, como lá.

De qualquer maneira, o Iluminismo favoreceu o gosto pedagógico do útil e não só um idílio árcade agradável, ou seja, o bucolismo não eram somente composições que celebravam a vida no campo, a natureza, a atividade agrícola e pastoril. Fazem parte de seu universo temático o elogio da virtude civil, a crença na melhoria do homem pela instrução, a noção de que a harmonia social depende da obediência às leis da natureza. E a concepção da felicidade como conseqüência da prática do bem e da sabedoria.

Segundo Cândido, os homens que escreveram no Brasil durante todo o período colonial eram formados em Portugal ou formados à portuguesa. Todos, ou quase todos estes homens tinham, como era próprio às concepções do tempo, uma noção muito civil da atividade científica, desejando que ela revertesse imediatamente em benefício da sociedade, como proclamavam tanto um Rodrigues Ferreira no último quartel do século XVIII, quanto o matemático Manuel Ferreira Araújo Guimarães em 1813, na apresentação da sua revista O Patriota. A eles devemos os primeiros reconhecimentos sistemáticos do território, em larga escala, seja do ponto de vista geodésio (Lacerda e Almeida), seja zoológico e

etnográfico (Rodrigues Ferreira), seja botânico (Veloso, Leandro), bem como as primeiras tentativas de exploração e utilização científica das riquezas minerais (Vieira Couto, Câmara). Entre eles se recrutaram alguns dos líderes mais importantes da Independência e do Primeiro Reinado, como o naturalista José Bonifácio, os matemáticos Vilela Barbosa e ribeiro de Resende, pois muitos deles passaram (conseqüência natural da filosofia das Luzes, e solicitação de um meio pobre em homens capazes) da ciência à política, da especulação à administração. Ao seu lado avulta um segundo grupo (a que muitos deles pertencem igualmente), também formado sob o influxo das reformas do grande Marquês: são os publicistas, estudiosos da realidade social, doutrinadores dos problemas por ela apresentados, como José da Silva Lisboa (1756-1835), divulgador da economia liberal entre nós, porta-voz dos interesses comerciais da burguesia litorânea; ou Hipólito José da Costa Pereira (1774-1823), o nosso primeiro jornalista, que a partir de 1808 empreendeu no Correio Brasiliense, publicado em Londres, uma esclarecida campanha a favor da modernização da vida brasileira, sugerindo uma série de medidas do maior alcance, como responsabilidade dos governadores, representação provincial, abolição do cativo, imigração de artífices e técnicos, fundação da Universidade, transferência da capital para o interior. E este era o caso dos inconfindentes, cuja produção literária está, com maior ou menor intensidade, ligada às Reformas Pombalinas. Ou seja, no Brasil, a Inconfidência Mineira (1789), a Inconfidência Carioca (1794), a Inconfidência Baiana (1798) e a Revolução Pernambucana (1817) são consideradas como expressão do iluminismo europeu e, em particular do português. Quanto a estes movimentos, o foco da nossa investigação restringe-se à Inconfidência Mineira e a Carioca, pois são aqueles nos quais se enquadra o autor do texto *O Desertor*, Silva Alvarenga, cujo ponto central é o entusiasmo com a Reforma da Universidade de Coimbra, promovida em 1772. Segundo Cidade, a idéia principal dessa reforma consistia no abandono do verbalismo e das “disputas retóricas em prol da observação e do encaminhamento prático”. (CIDADE, 1968, p. 219).

Segundo Paim (1997), a principal inovação no campo da intelectualidade nacional foi resultante da expulsão dos jesuítas, em 1759, que favoreceu a propagação do pensamento racional da ilustração. Sabemos que a situação de Portugal era peculiar em relação aos países vizinhos, onde o pensamento escolástico parecia de todo superado.

Em substituição à administração jesuítica, tanto em Portugal como no Brasil, Pombal instituiu as “aulas régias”, sistema de disciplinas isoladas. Segundo Fernando de Azevedo (1958), no Brasil, a primeira aula régia de filosofia criou-se no Rio de Janeiro em 1774. Posteriormente foram sendo organizadas nas principais cidades. A reunião desses professores de disciplinas isoladas num mesmo estabelecimento, em 1837, no próximo

século portanto, foi o que deu lugar à formação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro e dos Liceus Estaduais.

Assim sendo, tanto as reformas econômicas como as educacionais criaram um ambiente intelectual produtivo em Portugal e no Brasil.

Esse é um dado que contribui para a compreensão da questão, cuja abrangência requer também uma breve reflexão sobre o que acontecia em outras nações recentemente libertadas do sistema colonial, com a América do Norte.

Já dissemos e reiteramos que muitos desses homens foram influenciados pelas novas idéias que estavam surgindo no mundo. Um fato que merece destaque foi o que ocorreu em 1776, quando as treze colônias inglesas da América do Norte proclamaram sua independência, constituindo um novo país – os Estados Unidos. Esse exemplo teve forte repercussão entre os inconfidentes mineiros.

Vale lembrar que as Inconfidências não ocorreram no governo de D. José I e sim no de D. Maria I, quando Pombal já não mais governava. Entretanto, elas foram promovidas por intelectuais da geração formada na época de Pombal e cujas idéias inovadoras, mesmo com avanços e recuos, foram cantadas em prosa e verso por vários poetas das gerações vindouras, como é o caso de Castro Alves na obra *Gonzaga ou a revolução de Minas*, escrita por Castro Alves é um drama interessante, pois, sendo uma visão romântica dos inconfidentes, liga-os ao iluminismo e à independência dos Estados Unidos da América e, ao mesmo tempo, transforma-os em abolicionistas. Para Castro Alves, os pensadores iluministas criticavam o absolutismo, o mercantilismo e a organização da sociedade, baseada em tradições e privilégios; defendiam o respeito aos direitos naturais dos cidadãos – igualdade perante a lei, liberdade de pensamento e expressão, inviolabilidade da propriedade; acreditavam que o estado absolutista, em que o monarca detinha todo o poder, deveria ser substituído por um governo representativo, na forma de uma Monarquia Constitucional ou de uma República Democrática; condenavam a intervenção do Estado na economia, que era uma característica de mercantilismo e defendiam uma política econômica liberal, regida pelo livre funcionamento do mercado.

Devemos destacar que os inconfidentes defendiam a independência da colônia, o regime republicano e os princípios iluministas dos pensadores Locke, Montesquieu, Rousseau e Adam Smith, cujas idéias foram fundamentais para o sucesso da Revolução Francesa de 1789 e conseqüentemente para o movimento de Independência dos Estados Unidos em 1776.

Quando analisamos os poemas produzidos pelos inconfidentes, percebemos que eles destacam nas Reformas Pombalinas exatamente os aspectos ligados aos princípios iluministas, seja relativamente ao comércio e à produção manufatureira, seja com relação ao empreendedorismo

político e educacional. Evidentemente, não foram apenas as idéias ilustradas que levaram à inconfidência, mas alguns fatos circunstanciais, que ora não cabe enumerar, também tiveram um papel predominante no desencadear desses movimentos.

Mencionamos apenas o mais conhecido de todos, a grave ameaça da derrama no governo de D. Maria I. A idéia de tornar a capitania independente de Portugal ficava cada vez mais forte entre alguns homens importantes de Minas Gerais. Sucediãem-se freqüentes reuniões. Discutiãem-se idéias e planos para concretizar o desejo de independência. Estava nascendo a Inconfidência de 1789.

Participaram do movimento: Joaquim José da Silva Xavier, Francisco de Paula Freire de Andrade, José Álvares Maciel, Carlos Correia de Toledo, Inácio José de Alvarenga Peixoto, José da Silva e Oliveira Rolim e Silva Alvarenga. Os ideólogos Tomás Antônio Gonzaga, Luís Vieira da Silva, Cláudio Manuel da Costa. Os contratadores, os arrecadadores, eram: Domingos de Abreu Vieira, Joaquim Silvério dos Reis e João Rodrigues de Macedo.

Os inconfidentes mineiros tinham vários planos que significavam uma continuidade das Reformas Pombalinas. Segundo Anastásia (1997), os mais importantes deles eram: mudança da capital para São João Del Rei; construção de uma Universidade; constituição de fábricas de tecidos, ferro e pólvora; organização de milícias populares para defender a nova República; criação de uma casa da moeda; emissão de papel moeda; aumento do valor monetário do ouro; liberação da circulação dos diamantes.

Quanto à escravidão, havia interesse em que ela fosse mantida, pois era necessário manter o trabalho nas minas e na agricultura.

A Inconfidência Mineira não foi um fato isolado, ela estava relacionada com a situação social, econômica e política do Brasil daquela época. Na própria capitania de Minas Gerais houve muitos movimentos rebeldes. Todas essas revoltas coloniais, por sua vez, estavam diretamente relacionadas com as transformações ocorridas na Europa e nos Estados Unidos a ação de filósofos e políticos condenavam o absolutismo e o colonialismo e defendiam uma sociedade mais justa, com o fim dos privilégios e da desigualdade entre as pessoas.

Podemos destacar que os inconfidentes pensaram ainda em conseguir auxílio estrangeiro para garantir o sucesso de seu levante. Em 1786, o estudante José Joaquim da Maia teve um encontro, na França, com o ministro americano Thomas Jefferson, com essa finalidade. O estudante não chegou a retornar ao Brasil, falecendo na Europa.

A Inconfidência Carioca foi um movimento diferente daquele sufocado em Minas Gerais cinco anos antes. A Revolução Francesa foi mais explícita nos inconfidentes do Rio de Janeiro, que fundaram uma Sociedade Literária para a divulgação de suas idéias. Denunciados, os

conjurados foram presos e acusados de fazerem críticas à religião e ao governo, além de adotarem idéias de liberdade para a Colônia.

Entre os inconfidentes cariocas estavam o poeta Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Vicente Gomes e João Pereira. Durante dois anos e meio, os implicados no movimento ficaram presos, sendo depois libertados.

Podemos notar, assim, que o poeta Manuel Inácio da Silva Alvarenga, embora vivesse a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro, manteve contatos com os inconfidentes mineiros, sendo o último representante da chamada Escola Mineira. Em suas obras, são nítidas as repercussões da efervescência dos movimentos europeus e americanos do século XVIII.

Na produção artística, como mencionamos, em meados do século XVIII juntou-se à literatura brasileira e portuguesa influências das correntes ilustradas do momento: a literatura clássica de inspiração francesa e do arcadismo italiano.

A tendente confiança na razão procurou substituir ou alargar a visão religiosa; o ponto de vista moral completou-se, principalmente nas interpretações sociais, e, no lugar da transfiguração da natureza e dos sentimentos, sobressaiu a fidelidade ao real.

Segundo Candido:

As condições econômicas eram outras, impondo-se a libertação dos monopólios metropolitanos – sobretudo o do comércio – num país que sofrera o baque do ouro decadente e necessitava maior desafoço para manter a sua população. As revoluções norte-americana e francesa, o exemplo das instituições inglesas, o nascente liberalismo oriundo de certas tendências ilustradas, completariam o impacto do pombalismo, formando um ambiente receptivo para as idéias e medidas de modernização político-econômico e cultural, logo esboçadas aqui com a presença da Corte, a partir de 1808. No Brasil joanino conjuram-se as tendências e as circunstâncias, tornando inevitável a autonomia política. (CANDIDO, 1985, p. 96).

Assim, a Época das Luzes no Brasil tem ligação direta com o ideal setecentista das Reformas Pombalinas exposta anteriormente. Importante salientar que as manufaturas foram introduzidas no Brasil, visando uma transformação na produção e conseqüentemente no campo das idéias e o que aconteceu nesse momento teve repercussão na Independência brasileira.

REFERÊNCIAS

- ANASTÁCIA, Carla. *Inconfidência Mineira*. Coleção Guerras e Revoluções Brasileiras, 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: melhoramentos, 1958.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. 18ª tiragem. Editora Cultrix, São Paulo, 1997.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo. Companhia Ed. Nacional, 1985.
- CIDADE, Hernani. *Ensaio sobre a crise mental do século XVIII*. 5. ed. Coimbra Editora, 1968.
- . *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*. 2 volume. Da Reacção contra o formalismo seiscentista ao advento do romantismo. Coimbra Editora, Limitada, 1975.
- PAIM, Antônio. *História das Idéias Filosóficas no Brasil*. 5. ed. Londrina: ed. Da UEL, 1997.
- SÉRGIO, Antônio. *Antologia dos economistas portugueses (século XVII)*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.
- SILVA, Antônio Dinis da Costa e. *O Hissope*. 1802.
- TEIXEIRA, Ivan. *Mecenato pombalino e poesia neoclássica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Colegiado do Curso de Letras — Campus de Mal. Cândido Rondon

REVISTA TRAMA

Versão eletrônica disponível na internet:
www.unioeste.br/saber